



Consequências não intencionais

► O importante é que o “velho” Legislativo, das coalizões disfuncionais, percebeu ser o verdadeiro poder

Foi uma semana agitada. O presidente confirmou sua personalidade afirmativa, mas soube edulcorá-la com uma simpática espontaneidade que transcendeu a liturgia que o cargo impõe. Felizmente, aumentou a sua participação, fora do Twitter, na solução dos problemas nacionais. São visíveis, no quadro político, os primeiros resultados da condenação da “velha política”, confundindo-a com o incesto entre parte do Executivo e as empreiteiras posto a nu pela Lava Jato. Ao execrá-la obteve como resposta uma formidável e importante recuperação de poder pelo Legislativo.

Recusou-se a entender que em toda república democrática quem venceu a eleição sem produzir uma maioria tem de, necessariamente, assumir compromissos que dividem o poder com uma coalizão para estabelecer boa governança e estabilidade das instituições. Não há nada de pecaminoso nisso, ou teríamos de condenar todas as democracias do mundo. E o que sobrariam? As “repúblicas-democráticas-adjetivadas”, uma forma de tirania ainda mais corrupta.

O importante é que o “velho” Legislativo passivo, das coalizões disfuncionais, percebeu que ele é o verdadeiro poder. Deu uma resposta rápida aprovando uma emenda constitucional que dormia

na Câmara desde 2015, em primeiro e segundo turnos, em 60 minutos e cerca de 90% de quórum! E, sob o comando de Rodrigo Maia, indicou que tentará fazer uma reforma tributária de sua iniciativa, o que é muito saudável do ponto de vista da república democrática que estamos tentando construir. Foi uma consequência não intencional, mas benéfica, da satanização da política.

O triste espetáculo revelado no depoimento do ilustre ministro Paulo Guedes na Comissão de Constituição e Justiça da Câmara dos Deputados mostrou, a um só tempo: 1. A absoluta incapacidade política do partido do governo, o PSL. A maioria dos seus membros foi eleita pelo “vendaval” Bolsonaro, mas, com poucas e raríssimas exceções, não sabem de onde vieram e, pior, não sabem para que estão ali. O presidente da Comissão e seu partido ignoraram as medidas corriqueiras que dão suporte parlamentar aos ministros nos regimes republicanos e democráticos: a ocupação das cadeiras nas filas mais próximas do depoente e o cuidado elementar de exigir que os arguidores sejam ordenados, sucessivamente, entre críticos e apoiadores. Só há duas explicações plausíveis para tanta incompetência: ou o partido do governo acovardou-se diante da cara feia da oposição ou é, ele mesmo, oposição à política econômica do “Posto Ipiranga” que os ajudou a se elegerem.

2. A nossa esquerda “infantil”, por outro lado, esmerou-se em manifestar o seu absoluto repúdio ao diálogo civilizado. Preferiu usar suas armas conhecidas: a gritaria organizada, a injúria contra o interlocutor e o completo desprezo pelas evidências empíricas. Revelou que está dois séculos e meio atrasada com relação à

esquerda jacobina que deu ao mundo, em 1789 (ao lado de muita desgraça), a ideia de que apenas uma república democrática poderia acomodar a liberdade com a igualdade, dois valores não inteiramente compatíveis. Aquela esquerda tinha uma causa. Nos últimos 230 anos, a sua proposta se realizou a tal ponto que hoje é “natural” que só uma república democrática (sem adjetivos) é capaz de, pelo exercício da política, acomodar de forma pacífica e civilizada as diferenças, a intolerância e os preconceitos entre esses animais com inteligência perigosa – os homens.

Talvez seja interessante lembrar por que a “esquerda” adquiriu esse nome. “Na Assembleia Nacional Constituinte de 1789, os deputados mais críticos da monarquia começaram a reunir-se nas cadeiras à esquerda do presidente. Os conservadores que a apoiavam (a aristocracia) congregaram-se à sua direita. O Barão de Gauville explicou. Começamos a nos reconhecer. Os leais à religião a ao rei, tomávamos distância à direita para evitar a gritaria, as imprecações e as indecências que circulavam livremente no campo oposto”, *apud* Hodgson, G. M. – *Wrong Turnings: How the Left Got Lost*, The University of Chicago, 2018, um brilhante e insuspeito representante da atual esquerda adulta. Esta não usa a “gritaria” nem o “baixo calão”, mas a lógica para tentar “inventar” instituições que, numa república democrática acomodem, além de “liberdade” e “igualdade”, a “eficiência produtiva”, sem a qual a sociedade não sobrevive materialmente. As tentativas fracassadas do socialismo mostram que não se trata de um problema trivial. A nossa esquerda, perdida, recusou, no grito, que Guedes pudesse esclarecê-la. • colunistas@cartacapital.com.br